

LARS KEPLER

A VIDENTE

Tradução de Ana Diniz

1

Elisabet Grim tem cinquenta e um anos e cabelo grisalho. Os seus olhos são alegres e, quando sorri, vê-se que um dos dentes da frente é ligeiramente mais saliente do que o outro.

Trabalha como enfermeira no Centro Birgitta, uma quinta a norte de Sundsvall que alberga um centro de acolhimento especial para menores. É uma instituição privada de acolhimento, que recebe oito raparigas entre os doze e os dezassete anos, nos termos da lei relativa às disposições especiais de proteção de menores.

Uma boa parte das raparigas admitidas no centro tem um historial de abuso de drogas, quase todas apresentam comportamentos autodestrutivos e sofrem de distúrbios alimentares, e algumas são extremamente violentas.

Na verdade, não há alternativa a estes lares de acolhimento, equipados com alarmes, grades nas janelas e portas de segurança. A instância seguinte é geralmente um estabelecimento prisional do universo adulto ou um centro psiquiátrico. O Centro Birgitta é uma das poucas exceções. A quinta alberga raparigas que são preparadas para regressar ao regime aberto.

«Aqui vêm parar as boazinhas», costuma dizer Elisabet.

Pega no último pedaço de chocolate preto, mete-o na boca e sente o sabor doce e o travo amargo debaixo da língua.

Lentamente, os ombros começam a descontrair-se. O fim do dia foi um caos – e até tinha começado bem. Aulas durante a manhã, e recreio e banho no lago depois do almoço.

A seguir ao jantar, a supervisora foi-se embora e ela ficou sozinha na quinta.

No turno da noite, o pessoal fora reduzido quatro meses depois de o consórcio de saúde a que pertence Birgitta ter sido comprado pela *holding* Blancheford.

As alunas estão autorizadas a ver televisão até às dez da noite. Elisabet estava no gabinete do pessoal, a tentar manter em dia as avaliações individuais, quando ouviu gritos furiosos. Dirigiu-se rapidamente para sala da televisão e encontrou Miranda a insultar a pequena Tuula, chamando-lhe cabrona e puta. Depois arrancou-a do sofá e começou a dar-lhe pontapés nas costas.

Elisabet já se habituara à violência de Miranda. Correu para elas e afastou-as, levou um soco na cara e viu-se obrigada a dar-lhe um valente berro para a avisar de que aquele comportamento era inaceitável. Sem mais discussão, levou-a para a sala de revista e depois para o quarto de isolamento.

Elisabet desejou-lhe boa noite, mas Miranda não respondeu. Ficou sentada na cama, a olhar para o chão e a sorrir para si própria quando Elisabet fechou a porta e deu a volta à chave.

Teria havido tempo para a conversa do final do dia com a aluna mais recente, Vicky Bennet, mas o conflito entre Miranda e Tuula não o permitiu. Vicky observou timidamente que era a sua vez de ter a conversa pessoal e, quando percebeu que teria de ser adiada, ficou aborrecida, partiu uma chávena de chá, agarrou num caco e cortou-se na barriga e nos pulsos.

Quando Elisabet entrou, encontrou Vicky sentada com as mãos diante da cara e o sangue a escorrer-lhe pelos braços.

Limpou-lhe as feridas, que eram superficiais, pôs-lhe um penso rápido na barriga, ligou-lhe as mãos com gaze, consolou-a e chamou-lhe «minha pequenina», até ver um sorriso insinuar-se-lhe nos lábios. Pela terceira noite consecutiva, deu-lhe dez miligramas de *Sonata* para ela conseguir adormecer.

2

As alunas estão a dormir e o silêncio reina na quinta. A luz acesa na receção faz o mundo exterior parecer impenetravelmente negro.

Com uma ruga profunda na testa, Elisabet está sentada diante do computador, a registar os acontecimentos do dia no livro de registo.

É quase meia-noite quando lhe ocorre que não conseguiu sequer tomar o comprimido da noite. A sua pequena droga, como costuma dizer, a brincar. As noites de serviço e os dias esgotantes deram-lhe cabo do sono. Costuma tomar dez miligramas de *Stilnoct* às dez, para adormecer às onze e descansar umas horas.

A noite de setembro envolveu o bosque, mas ainda se consegue ver a superfície lisa do lago Himmelsjön a brilhar como madrepérola.

Finalmente, pode desligar o computador e tomar o comprimido. Põe o casaco de malha pelas costas e pensa que lhe saberia bem um pouco de vinho tinto. Gostaria de estar sentada na sua cama, com um livro e um copo de vinho, a ler e a trocar impressões com Daniel.

Mas ficou com o turno da noite e vai dormir ali, no quarto do pessoal.

Sobressalta-se quando *Buster* começa a ladrar lá fora. O cão ladra tão desesperadamente que Elisabet sente um arrepio.

É muito tarde, já devia estar deitada.

Àquela hora, costuma estar a dormir.

Quando o computador se apaga, a sala fica às escuras. O silêncio é total. Elisabet toma consciência dos barulhos que produz – o sopro das

molhas da cadeira quando se levanta, o chiar das solas nos mosaicos do chão quando se aproxima da janela. Procura ver lá para fora, mas a escuridão reflete apenas o seu rosto, a sala de recepção, com o computador e o telefone, as paredes com os seus motivos amarelos e verdes.

Subitamente, vê a imagem refletida da porta, nas suas costas, a abrir-se.

O coração começa a bater-lhe mais depressa. A porta, antes encostada, está agora entreaberta. Deve ser a corrente de ar, diz para si própria, tentando convencer-se. A salamandra na sala de refeições suga uma enorme quantidade de ar.

Elisabet é invadida por uma estranha inquietação e o medo começa a infiltrar-se-lhe nas veias. Sem ousar virar-se, continua a olhar para o reflexo da porta na vidraça escura.

Escuta o silêncio, o computador que ainda zumba.

Numa tentativa de sacudir o mal-estar, estende a mão, apaga o candeeiro na janela e volta-se.

A porta está agora completamente aberta.

Sente um arrepio na nuca, que lhe desce pelo corpo.

As luzes de emergência brilham debilmente em frente à sala de refeições e aos quartos das alunas. Elisabet sai da recepção para ir verificar se as portinholas da salamandra estão fechadas, quando ouve um murmúrio vindo dos quartos.

3

Elisabet para, perscrutando o corredor. A princípio não se ouve nada, mas depois volta a ter aquela sensação. Um leve sussurro, tão vago que quase passa despercebido.

– Agora és tu a fechar os olhos – murmura alguém.

Elisabet mantém-se perfeitamente imóvel, fixando a escuridão. Fecha e abre os olhos várias vezes, mas não distingue nenhum vulto.

Enquanto pensa que talvez seja uma das raparigas a falar durante o sono, ouve um ruído estranho. Como se alguém tivesse deixado cair um pêsego muito maduro no chão. E outro. Um som pesado e húmido. A perna de uma mesa raspa no chão e, em seguida, caem mais dois pêsegos.

Pelo canto do olho, Elisabet apercebe-se vagamente de um movimento. O deslizar de uma sombra. Volta-se e vê a porta da sala de refeições fechar-se lentamente.

– Espera – diz ela, embora pense que é apenas a corrente de ar.

Aproxima-se rapidamente da porta, agarra na maçaneta e sente uma resistência estranha. Há uma pequena luta de forças, e depois a porta abre-se sem resistência.

Elisabet entra na sala de refeições, alerta, procurando abarcar com o olhar toda a divisão. A mesa corrida, com o tampo estriado, emite um brilho ténue. Avança cautelosamente, aproximando-se da salamandra e vendo os seus movimentos refletidos nas portinholas de latão fechadas.

Os tubos aquecidos emitem calor.

De repente, ouve um ruído forte e um estalido por detrás das portinholas. Recua e embate numa cadeira.

Era apenas um pedaço de lenha a arder, que bateu na portinhola da salamandra. A sala estava vazia.

Respira fundo, sai da sala de refeições, fechando a porta, e volta ao corredor, pronta a dirigir-se para o quarto do pessoal. A meio do caminho, detém-se e põe-se novamente à escuta.

Do lado dos quartos das alunas não vem qualquer som. No ar pairam odores acres, metálicos. Elisabet perscruta a escuridão do corredor, mas não há qualquer movimento. Apesar disso, alguma coisa a atrai para a fila de portas. Umam parecem estar só encostadas, outras fechadas.

Do lado direito do corredor ficam as casas de banho. A seguir, há um pequeno vestíbulo, com a porta do quarto de isolamento, onde dorme Miranda.

Pelo buraco da fechadura vê-se uma réstia de luz.

Elisabet para e sustém a respiração. Uma vozinha sussurra qualquer coisa num dos quartos, mas cala-se repentinamente quando Elisabet se aproxima.

– Estejam caladas! – exclama Elisabet na direção geral dos quartos.

Sente o coração acelerar quando ouve uma rápida sucessão de pancadas surdas. É difícil localizar o som, mas parece ser Miranda, deitada na cama, a bater com os pés descalços na parede. Elisabet decide espreitá-la pelo óculo da porta quando se apercebe de um vulto no pequeno vestíbulo. Um vulto humano.

Sobressalta-se e começa a recuar, o corpo pesado como se estivesse num sonho.

Compreende imediatamente que a situação é de perigo, mas o medo entorpece-lhe os movimentos.

Só quando o chão do corredor range, sente o impulso de fugir para salvar a vida.

O vulto na escuridão move-se subitamente, com rapidez.

Elisabet volta-se e começa a correr, ouvindo os passos atrás de si, escorrega no tapete, bate com o ombro na parede e continua a correr.

Uma voz fraca pede-lhe que pare, mas ela não para, continua a correr, lança-se pelo corredor.

As portas abrem-se, batem na parede com um baque surdo e voltam para trás.

Em pânico, atravessa a sala de revista, apoiando-se nas paredes. O quadro com o cartaz da Convenção da ONU sobre os direitos das crianças solta-se do grampo e cai no chão. Chega à porta principal, procura atabalhoadamente a maçaneta e sai disparada para o ar frio da noite, mas escorrega nos degraus da entrada e cai de lado, sobre uma das pernas. A dor no tornozelo é tão forte que Elisabet deixa escapar um grito. Arrasta-se pelo chão, ouvindo passos pesados lá dentro, no átrio. Consegue avançar um pouco, perde um dos sapatos e levanta-se gemendo.